

TRIBUNA Livre

1
ABRIL
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Um combóio que chega...

A manhã estava fria. Nevoeiros matinais cobriam os campos que marginam a linha férrea entre Braga e o Porto. Na carruagem em que viajo, uma senhora de meia-idade, tipo de velha gaiteira, sorriso sempre afivelado ao canto da boca, rosada e rechunchuda, diz graças para si e para «o respeitável público» que a rodeia e a conhece já como viajera habitual daquele combóio, sempre bem disposta, sempre cavaqueadora. Noutro banco mais atrás, escolhido e introspectivo, de face macilenta e de hirsuta barba negra, um frade com longo rosário, pendente da corda à cinta, lê o seu breviário, num imperceptível movimento dos finos e arroxeados lábios. Uma mulher, ossuda e trigueira, de chale e lenço, dedilha parte duma meia pequenina, de lã encarnada, talvez para um netinho seu.

E o combóio, no seu «pouca-terra, pouca-terra», barulhento e fumegante, lá vai engolindo légua sobre légua, até cobrir toda a distância que medeia entre a Cidade dos Arcebispos e a Invicta Cidade. Saíndo e entrando passageiros, em todas as estações do percurso se vai renovando, parcialmente, a «população» flutuante daquele longo combóio, que quase parece uma serpente num vertiginoso rastejar. Mas a senhora de meia-idade, para este e para aquele, lá vai dizendo os seus gracejos; a mulherzita de chale e lenço, prossegue no de-

dilhado do seu «pé-de-meia» e o frade barbudo continua mergulhado na leitura do seu breviário.

Homens mal barbeados, calças enlameadas e maneiras boçais, entram de rompante nas carruagens, empurrando uns e calcando outros, porque o combóio demora pouco tempo nos apeadeiros. Esses novos ocupantes do veículo ferroviário, têm pressa em arrumar as suas complicadas e intermináveis bagagens, lançando-as a esmo para cima das redes ou sob os assentos. Eles têm o aspecto caracterís-

tico dos feirantes que vão jornadas a sua faina para qualquer vilazita do Entre-Douro e Minho. Outra gente vai entretida a ler jornais ou revistas, na mesma carruagem em que viajo. De quando em vez, o silvo do combóio faz-se ouvir, distinta e lúgubrememente — talvez num prenúncio de tempo chuvoso que se aproxima. Através da vidrada da janela a que vou encostado, vejo a paisagem a correr célebre, fugidia, como o desbobinar, de um filme panorâmico. Passam pelos corredores da carruagem,

Continua na 6.ª página

Antónia Pusich

São muito poucas as senhoras que em Portugal praticam o jornalismo, sobretudo o jornalismo profissional. O seu número nem sequer corresponde, proporcionalmente, ao das pioneiras da geração de 1920, o que sig-

PROF. DR. JOAQUIM

NUNES DE OLIVEIRA

Na semana finda concluiu as provas para professor extraordinário da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto o sr. prof. dr. Joaquim Nunes de Oliveira, nacionalista dedicado, muito conhecido e estimado em todo o Distrito.

Membro da Comissão Distrital da União Nacional impõe-se à consideração geral pelos seus dotes de inteligência e de carácter e pela lisura de processos. Barcelense ilustre pertence a uma família distinta da cidade de Gil Vicente.

Defendeu a tese intitulada «O ácido fólico e a fitasse nas farinhas de milho», com notável brilho, sendo arguentes os srs. profs. drs. Barros e Cunha e Laroze Rocha, findo o que por unanimidade foi aprovado, recebendo gerais saudações.

Ao sr. prof. dr. Joaquim Nunes de Oliveira, amigo da primeira hora que sempre admiramos pelas suas excepcionais qualidades de inteligência e de carácter, as nossas felicitações, com o desejo muito sincero de novos triunfos, que bem merece.

nifica uma regressão, mesmo na escala microscópica que é a do jornalismo feminino português. Até entre as raparigas, até nos meios onde as raparigas de hoje mais procuram actualizar-se, distanciar-se das burguesinhas suas avós — até aí se não registam, por enquanto, sintomas de interesse pela vida dos jornais.

Acontece, porém, que o jornalismo feminino em Portugal é velho de mais de um século. Quem passa agora pela calçada da Estrela, junto ao palacete onde estão os serviços centrais da Legião Portuguesa, não sabe que ali viveu, no começo do oitocentismo, a primeira jornalista portuguesa; os raros viandantes que tocam no Porto Preguiça da caboverdeana Ilha de S. Nicolau do todo em todo ignoram que a capela de Nossa Senhora dos Navegantes foi ali erguida em acção de graças pelo nascimento dessa mesma jornalista; e o lisboeta que anda apressado pela estreita balbúrdia da Rua de S. Bento não tem por certo tempo de atentar em um prédio onde uma lápida atesta que ali faleceu, em 1883, com 78 anos de idade, aquela Antónia Pusich, que serve também de madrinha a uma das insípidas ruas do Bairro de Alvalade.

Bem merece, no entanto, ser recordada esta Mulher, duplamente notável pelo brilho da sua cultura e pelo emocionante e nobre folhetim da sua vida, que não é

Continua na 5.ª página

Reunião do Conselho Geral do

GRÊMIO DA LAVOURA

A fim de se pronunciar sobre as contas da gerência do ano findo, reuniu na passada quarta-feira o Conselho Geral do Grémio da Lavoura, a que presidiu o sr. Arnaldo de Menezes Azambuja. Lida a acta da reunião anterior e o relatório e contas da gerência, foi votada a sua aprovação com um agradecimento ao sr. Eng. António de Lacerda pelo contributo dado para que fosse concedido o empréstimo para construção da sede.

O sr. Presidente da Direcção referiu-se à demora do mesmo empréstimo dizendo parecer em certo momento que foram criadas dificuldades. Estranhámos a referência porquanto na aquisição do terreno e respectivo empréstimo toda a gente esteve de acordo, só por vezes lhe pondo reticências a direcção e, certamente, o senhor presidente não admitiria a hipótese de estar a referir-se à mesma. É oportuno dizer-se que sem o assunto lhe ser recomendado mas demonstrando interesse pela brevidade da obra, a Caixa Agrícola abriu um crédito de 150 contos a favor do Grémio, que nunca foi usado e que foram elementos do Conselho Geral que impuseram a

compra do actual terreno e que o empréstimo fosse de 200 contos e não de 100, que não dava para nada.

O sr. presidente da direcção propôs que fossem enviados telegramas a Suas Excelências o Senhor Presidente da República e do Conselho e ao Senhor Secretário de Estado da Agricultura protestando contra os actos praticados na nossa Província de Angola e testemunhando ao Governo solidariedade total nas medidas tomadas e rumo seguido, o que foi aprovado por aclamação.

Um dos conselheiros presentes manifestou também a sua repulsa pelos atentados à nossa soberania e manifestou a sua indignação pelos maus portugueses que mesmo cá não escondem a sua simpatia para com os traidores.

O telegrama dirigido ao Senhor Presidente da República é do seguinte teor: Conselho Geral Grémio Lavoura Amares protesta injustificáveis atitudes Países considerados amigos e afirma incondicional apoio medidas defesa integridade da Pátria. (a) Arnaldo Azambuja.

Visado pela censura

A LEI DA CONSCIÊNCIA

A liberdade caíra facilmente no desmando, se não tivesse a limitá-la o exercício da responsabilidade. É por isso que o indivíduo é tanto mais livre quanto maior for o seu sentido do dever, não tanto do que é imposto pela força da Lei, mas sobretudo do que resulta do reconhecimento da necessidade social de que cada cidadão deve assumir espontaneamente a responsabilidade moral e material da sua conduta.

Não deve ser o medo da sanção que deve impedir o indivíduo de prevaricar, mas sim a consciência de que sem dever não há sociedade possível, pelo menos no sentido de elevação, de cooperação e até de fraternidade que é pró-

pria e natural dos que aceitam as lições maravilhosas do Evangelho de Jesus.

Não devemos portanto fazer aos outros aquilo que não gostaríamos que eles nos fizessem, não porque o pólcia nos castigue ou o tribunal nos condene, mas simplesmente porque a nossa consciência nos impede de desejar o mal para quem quer que seja.

E faremos portanto o bem sem olhar a quem, e sem esperar o salário da recompensa, pela simples e única razão de que, mesmo em silêncio e ignorado de todos, o bem é a única e suprema aspiração da nossa consciência. Evitar-se-iam muitas tristezas se o Bem fosse a Lei da Consciência!

Visita Pascal

Missa às 6 horas.

Saída às 7 horas. Início na casa do Snr. Pisão, com passagem pelo Bairro até à casa da Sra. D. Maria Rodrigues inclusivé.

Seguidamente serão visitados os lugares do Pinheiro, Vasconcelos, Bornaria, Monte, Lage e rua Sá de Miranda, Corredoura, Vivirelos e Sertão, recolhendo a cruz na casa dos mordomos.

De tarde, os lugares da Igreja, Bairro (parte não visitada de manhã) Casais, Além, Outeiro, Novo e Largo da Feira, começando junto à Escola Primária, pela zona norte, nascente, sul com recolha junto da mesma Escola, donde seguirá processionalmente para a Igreja.

TRIBUNA AGRÍCOLA

Pastagens Melhoradas

As ilhas do Arquipélago dos Açores podem considerar-se como uma das zonas mais privilegiadas do território português para a produção de pastagens de alta qualidade. A fertilidade do solo e a suavidade do clima, sem frios ou calores excessivos e sem geadas, com uma queda pluviométrica bem distribuída através do ano, criam condições excelentes para a existência de pastagens com uma estação de produção bastante prolongada. A época de paralização restringe-se, e apenas para as pastagens de altitude, aos meses de inverno e é consequência principalmente das fortes ventanias que sopram durante essa estação nas cotas elevadas.

As pastagens dos Açores estão, no entanto, em grande parte (já existem nalgumas ilhas extensas áreas de pastagem melhorada) longe daquele grau de produtividade a que podem chegar e isso sobretudo porque é ainda elevadíssima a percentagem de prados naturais sem qualquer tratamento, muitas vezes verdadeiras terras de mato, em que os povoamentos têm uma composição florística nitidamente pobre.

Impõe-se por isso um extenso trabalho de valorização desses matos e pastagens naturais pela sua transformação em boas pastagens melhoradas, semeadas em terras devidamente trabalhadas, bem adubadas e com misturas convenientemente escolhidas.

Ao empreender-se tal transformação terá que ter-se sempre presente que o prado representa hoje uma forma de cultura como qualquer outra, ou talvez mais exigente que qualquer outra, porque mantendo-se no terreno por alguns anos têm que dispensar-se os maiores cuidados não só à sua instalação mas também à sua manutenção para que o seu aproveitamento possa ser perfeitamente compensador. Valerá ainda a pena encarar-se a possibilidade, que em muitos casos existe, de o prado ser considerado como um dos elementos de uma rotação em que as culturas chamadas de rendimento terão também a sua parte a desempenhar. Neste caso o prado terá uma duração pré-estabelecida e a sua substituição deverá dar-se quando ele se encontrar ainda em boa produtividade, o que significa bom nível de fertilidade do solo, pois isto redundará em elevadas colheitas das culturas que o seguem na rotação. Considerado como um dos elementos da rotação («ley-farming» inglês) o prado será não apenas um bom fornecedor de alimento para os animais mas também um edificador da fer-

tilidade do solo e segura garantia da defesa contra a degradação da propriedade agrícola. A excelente capacidade produtiva de tais prados, com um período de crescimento luxuriante no fim da primavera — começo do verão, poderá necessitar para seu melhor aproveitamento da conservação dos excessos de erva desse período, mas tal facto constituirá um poderoso auxiliar para a resolução do problema da escassez de alimento na época invernal. A ensilagem e a fenação, ou se possível for a secagem artificial de erva, poderão então fornecer preciosa ajuda ao lavrador na criação de boas reservas alimentares para os seus rebanhos.

O prado melhorado exige, como já referimos, cuidados especiais, que vão desde a preparação do terreno para a sementeira até ao último ano da sua existência, para que se mantenha ou melhor até o nível de fertilidade do solo e consequentemente a produção da erva e das culturas que porventura se sigam.

São esses cuidados que vamos enumerar, procurando não nos alongarmos demasiadamente, mas focando os pontos essenciais a considerar.

Preparação da Terra

Reside aqui, mais que para qualquer outra cultura, a base do sucesso.

A preparação da terra para o prado tem que ser extremamente cuidada. É necessário conseguir-se não apenas uma boa cama para as sementes, bem pulverizada e firme, mas também uma completa eliminação da vegetação espontânea, pois doutra maneira as jovens plantas semeadas terão de suportar desde o início da sua vida uma rija luta pela sua instalação, na qual, certamente, muitas delas sucumbirão, comprometendo-se o povoamento.

As lavouras deverão iniciar-se alguns meses antes da sementeira, sobretudo quando se trate de terras não cultivadas anteriormente, pois só assim se conseguirá uma perfeita decomposição do revestimento vegetal espontâneo; repetir-se-ão tantas vezes quantas as necessárias para atingir esse objectivo.

Nas terras de mato convirá, para conseguir uma boa limpeza do solo, fazer, sempre que possível, antes da sementeira do prado, um ou dois anos de cultura anual sachada, tal como batata, milho, etc.

Normalmente, se se pretende semear na primavera, começa-se a lavar no outono, continuando no fim do inverno — princípio da primavera. Seguidamente a terra será gradada e rolada.

O esquema geral a seguir poderá ser o seguinte:

Lavouras
Gradagens cruzadas com grade de discos
Rolagens com rolo canelado
Gradagens cruzadas com grade de molas ou dentes
Rolagens com rolo canelado

As gradagens e rolagens serão em número tal que ao dar-se por terminada a preparação da terra ela se encontre finamente pulverizada e ao mesmo tempo devidamente consolidada, circunstâncias fundamentais para se poder esperar uma boa instalação das espécies semeadas.

Se o terreno for encharcado impõe-se a sua conveniente drenagem o que poderá conseguir-se por meio de lavouras fundas, sub-solagens e valas de enxugo. Este aspecto é muito importante para o sucesso do prado pois é sabido que os trevos e as melhores gramíneas não suportam o encharcamento e são nessas condições facilmente dominados e substituídos pelos juncos, Carex e plantas semelhantes.

A plantação de sebes vivas, limitando os prados, é de grande utilidade podendo contribuir eficazmente, pelo abrigo que lhes dá, para uma maior produtividade da pastagem e dos animais.

Facto semelhante se passa em relação aos bebedouros que, instalados em boas condições de higiene, terão marcada influência no bom estado de saúde e rendimento do gado.

Fertilização

Sempre que possível será de toda a vantagem incorporar, antes da sementeira, uma boa estrumação. 40 a 50 toneladas por hectare de estrume bem curtido serão suficientes. A qualidade do estrume é muito importante, porquanto os estrumes mal curtos e sujos são um perigo para o futuro prado pelas sementes de ervas daninhas que podem transportar consigo e que desde o início irão competir com as espécies semeadas.

A grande percentagem de solos açoreanos com baixos valores de pH torna aconselhável a prática da calagem pois que a excessiva acidez desses terrenos é um dos factores que, com mais frequência, contribui para a fraca capacidade produtiva da pastagem e para a sua invasão pelas espécies daninhas. A aplicação, em dose calculada de acordo com a acidez do solo, deverá ser feita 15 a 30 dias antes da sementeira, fazendo o enterramento do correctivo no terreno por meio de uma gradagem. Se se pretender que a calagem interesse não só a camada superficial mas também camadas mais profundas do solo, poderá fraccionar-se a

A Imaculada

Se eu fosse Deus, — (químérico gracejo!...
Devaneio de um átomo impotente!...), —
Eu faria surgir de um casto beijo
A Luz, o Som, o Amor e o Céu do Crente!...

Se eu fosse Deus, e houvesse, sem ter pejo,
De nascer da Mulher, eu, certamente,
Faria minha Mãe ao meu desejo:
— Pura, Formosa, Boa e Sorridente!...

E o Mundo, então, veria a Mãe que eu tinha,
Essa Mulher Perfeita que eu criei,
Que eu fiz dos mundos todos a Rainha!...

Se eu A criasse... — a Mãe que eu sempre amei,
E amei eternamente uma só vez, —
Ela seria... — a Mãe que Jesus fez!...

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

sua distribuição, aplicando metade da dose antes da última lavoura e a outra metade antes da sementeira como se disse. A forma de cal a usar será condicionada pelas suas possibilidades de aquisição devendo optar-se por aquela que possa ser adquirida em melhores condições económicas. O carbonato de cálcio moído, quando for possível obtê-lo a preços acessíveis, é uma forma de cal bastante favorável para pastagens pelo facto de a sua acção se estender por um período muito prolongado desde que seja constituído por uma mistura de partículas finas e grosseiras.

Tratando-se de terrenos ácidos terá de ter-se cuidado na escolha dos adubos, evitando o emprego daqueles que, como o sulfato de amónio, possam conduzir a um agravamento da acidez.

A adubação fosfatada é indispensável porque a sua falta determinará dificuldades na instalação dos trevos e afectará também, embora em menor escala, o rendimento das gramíneas. Haverá neste caso conveniência no emprego do Fosfato Tomaz porque a sua acção se estende por um mais largo período e a sua elevada percentagem de cal, sob forma muito activa, irá exercer uma favorável acção correctiva em relação ao baixo pH dos solos. No primeiro ano, à sementeira, a quantidade a aplicar será um pouco mais elevada que nos anos seguintes, podendo cifrar-se em 600 Kg/ha.

Como grande parte dos solos dos Açores são médios ou ricos em potássio o emprego de adubos potássios não se torna tão imperioso como o

dos adubos fosfatados mas, pelo menos à sementeira, é aconselhável a sua aplicação. 200 a 250 Kg/ha. de sulfato de potássio será o bastante.

A adubação azotada poderá ser feita com adubos de tipo «Nitromoncal» ou «Nitrocalciamon», 200 a 300 Kg/ha, pois estes adubos pela sua riqueza em cal poderão ter também benéfica acção correctiva na acidez do solo.

Sementeira

Sempre que possível a sementeira primaveril — fins de Março a fins de Maio conforme a altitude — é a mais aconselhável pois nessa época, com tempo quente e húmido, se a terra estiver bem preparada, será fácil conseguir-se um bom povoamento que no espaço de dois a três meses poderá permitir já um rápido pastoreio, pouco intenso. A época de fim de verão — princípio do outono também oferece boas condições de sementeira, mas se o outono e inverno forem muito chuvosos a instalação do prado será mais difícil e a sua entrada em produção muito retardada.

A sementeira pode ser feita a lanco convindo dividir em dois lotes, a distribuir separadamente, as sementes das gramíneas e dos trevos. Primeiro far-se-á a sementeira das gramíneas com enterramento por gradagem, grade de dentes ou molas, e seguidamente semeiam-se os trevos que serão enterrados por meio de rolagem. A profundidade a que as sementes ficam não deve ser superior a 2 a 2,5 cm. para as gramíneas e 0,5 a 1 cm. para os trevos.

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Do Director Escolar do Distrito de Braga, desejando saber qual a data em que as instalações sanitárias do posto escolar de Cimo de Vila da freguesia de Caldeias estarão concluídas.

Do Chefe da Secção de Finanças de Amares, pedindo o fornecimento para aquela Secção de Finanças de 2 aquecedores de combustível a gás e dois candelários a petróleo para iluminação nas eventualidades de falta de luz eléctrica.

Do Engenheiro Fritz Hoesen, Porto, informando que para elaborar o projecto para a iluminação pública da rua Sá de Miranda desta Vila se torna necessário enviar-lhe 1 planta numa escala de 1/100, informando ainda, que segundo as normas actualmente em vigor o Estado não concede comparticipações só para instalações de iluminação pública, mas quando enquadradas com outras.

Da Eléctro Olivença, Porto, informando que o transformador trifásico Electromekano de 50 KVA que lhe foi entregue para reparação se encontra pronto podendo esta Câmara mandar buscá-lo, pedindo que lhe seja devolvido o seu transformador ASEA de 70 KVA.

Dos Serviços de Urbanização do Distrito de Braga, pedindo para providenciar no sentido de todas as peças desenhadas, elaboradas nesta Câmara ou mandadas elaborar a técnicos estranhos aos serviços desta Câmara e referentes a assuntos de urbanização, conterem escala e data de execução, e, no caso de se tratar de plantas, possuir também indicação do norte.

Do Director do Distrito Escolar de Braga, pedindo o fornecimento à Escola Feminina de Fiscal do seguinte material: 1 cadeira, 1 armário, 6 carteiras de 2 lugares, 1 Bandeira Nacional, 1 suporte para mapas, 1 caixa métrica, 1 fotografia de Sua Excelência o Chefe do Estado.

Do Cantoneiro Municipal, Manuel Leite Martins Brandão, informando que na estrada municipal que vai de Ferreiros a Caires e junto à poça do pessegueiro se abriu um buraco que causará grandes prejuízos.

De Joaquim de Sousa Ribeiro, de Braga, apresentando orçamento para seguintes fornecimentos de postes de cimento: de 10m para esforço de 100kg — 525\$00; de 10m para esforço de 60kg — 465\$00; de 9m para esforço de 100kg — 465\$00, de 9m para esforço de 60kg — 470\$00, de 8m para esforço de 100kg — 365\$00, de 8m para esforço de 60kg — 335\$00, e informando que estes preços não inclui o transporte e terão um desconto de 10%.

Da Chenop, Porto, pedindo a liquidação das suas facturas dos meses de Novembro a Janeiro p.ºs p.ºs.

Idem, idem, remetendo a factura da importância de 10.537\$00 respeitante ao fornecimento de energia eléctrica no mês de Fevereiro findo.

Do Hospital de São Marcos, Braga, comunicando o intermento do doente Maria Madalena de Oliveira, de Barreiros.

Da Direcção do Distrito Escolar de Braga, pedindo fornecimento ao posto escolar de Paredes Secas do restante material mencionado no seu ofício de 26 de Fevereiro do ano findo.

Da Direcção do Distrito Escolar de Braga, informando que no recreio da escola de Santa Maria de Bouro foi aberto um cano de onde jorra água em abundância.

Da Junta de Freguesia de Bouro Santa Maria, pedindo mais uma vez a reparação do caminho público do lugar de Paradela daquela freguesia.

Da Junta de Freguesia de Carrizado, devolvendo a exposição de Leopoldina de Araújo e Sousa e informando que a mesma traduz a expressão da verdade e que a comissão de proprietários do lugar de Além daquela freguesia que conseguiu o subsídio desta Câmara faziam partes os senhores Domingos José Rosadas, Augusto de Faria e António de Faria.

Do Engenheiro da Delegação para Obras de Construção de Escolas Primárias, Porto, pedindo que seja informado se a inclusão, no programa de trabalhos em curso, do edificio escolar de 2 salas do núcleo de Boucinhas da freguesia de Goães, deste concelho merece a concordância desta Câmara.

Da Junta de Freguesia de Bouro, pedindo a reparação do caminho público que vai do lugar de Terreiro ao lugar de Portezinho daquela freguesia.

(Continua no próximo número)

Caires

Páscoa

No próximo Domingo, realiza-se, nesta paróquia de Santa Maria de Caires a solenissima festa da Páscoa — acompanhada pela afamada banda de música da Póvoa de Lanhoso. Sai às 6,30 horas oficiais e recolhe à noite, com uma empolgante e animada procissão de «Aleluia» desde o lugar do Paço até à Igreja Paroquial. São mordomos da cruz os nossos velhos amigos Jaime de Almeida, do lugar da Cal e Domingos Rodrigues, do lugar do Paço que não se tem poupado a trabalhos e despezas para que a festa resulte brilhante e bem ornamentados os lugares principais da freguesia, com arcos triunfais, chafariz — chuva de flores, arruados, discursos e outros divertimentos solenes orientados pelo nosso hábil Sacristão, Adelino Moleiro, que para estas coisas não há igual. O confesso preparatório foi muito concorrido e as cerimónias da Semana Santa têm-se feito com muita assistência e edificação e piedade profundas.

A todos os seus paroquianos, aos directores e leitores do nosso jornal: «Tribuna Livre» desejando uma Páscoa feliz, com muitas amêndoas e fartura de felicidades em Cristo Redentor.

C.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 1 — O Snr. Francisco Aurélio Santos Maia.

Dia 3 — O Snr. Octávio Pereira Machado.

Dia 4 — A Sra. Florinda Rosa Ferreira Ribeiro e os snrs. Candido Alberto Pinheiro.

Dia 6 — A Sra. D. Maria da Conceição Gonçalves.

xxx

Damos a seguir um aniversário que por lapso saiu no numero anterior deste jornal com o nome trocado, do que pedimos muita desculpa.

Passou na segunda-feira, dia 27, mais um aniversário natalício o Snr. Joaquim José de Macedo Martins, filho do Snr. José Manuel Martins, comerciante desta Vila.

Visado pela Censura

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Vou, amigo António, dar-te notícias da casa e começo pelos falecimentos.

1.º Joaquim José de Campos, de 55 anos, volteiro, do lugar do Paço, onde vivia com a mãe, Teresa Lopes. Era demente há vários anos. Faleceu às 9 horas de 24-3-1961 e foi sepultado religiosamente em 25, acompanhado de muito povo e pelas confrarias paroquiais.

2.º Maria da Conceição Lopes, viúva; doméstica, do lugar do Outeiro. Tinha 77 anos e faleceu às 23 horas de 24-3-1961. Foi sepultada religiosamente em 26, acompanhada pelo A. D. e Confraria do S. Sacramento. No acompanhamento incorporou-se muito povo.

Festa dos Ramos

No domingo dia 26, fez-se a bênção e procissão dos Ramos na qual se incorporaram muitas crianças e adultos. Notei que os ramos eram todos pequenos. Sabes que antigamente, quando nós íamos também na procissão, contentes, certos de comer as castanhas piladas e esperanças na rosca dos nossos padrinhos, os ramos eram excessivamente grandes e os adultos não se incorporavam na procissão, certamente por vergonha. Mas o Evangelho diz claramente que na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém os portadores de ramos não eram apenas crianças, mas sim, e principalmente, adultos. Digo-te, caro António, que as cerimónias da Igreja, tanto as fúnebres, nos enterros, como as que antecedem e acompanham as grandes e alegres festas, litúrgicas deviam ser mais vividas pelo nosso povo. Reparaste já que na Páscoa e no Natal, sem dúvida, as maiores festas do ano, quase ninguém pensa seriamente no objectivo moral que elas representam? Comer melhor, vestidos novos e mais elegantes, eis o que mais entusiasma.

Proesas dos Baquistas

No domingo, 16 do corrente, certo cavalheiro foi para a Adega particular do Senhor J. J. Fontes e lá prestou o seu culto a Baco. Saíu de lá em êxtase e o mico levou-o para a igreja. No momento oportuno foi acender as velas, não a Baco, mas ao Deus verdadeiro. Quando ele tentou passar no supedâneo, em frente ao sacrário, para o lado da Epístola, o mico fez então das suas e o adrador do Baco deu um solene e aparatoso trambolhão!... Que dirás tu? É o castigo de quem pretende servir a dois Senhores...

Na 2.ª feira, 17 do corrente outro Senhor tinha adorado Baco com o maior fervor e, já de noite, ia para casa. Ao passar no pontilhão do Ribeiro cambaleou e caiu ao regato. Felizmente a água era pouca, mas as pedras foram pouco caritativas e o homem feriu-se, sem perigo de maior, e, ainda bem. Podia ser pior. Se ouvisses os gritos dele a pedir socorro, tenho a certeza que te rias sem querer.

Falta de casas

Não é apenas a falta, e também a existência de casas sem as divisões necessárias para uma vida familiar honesta. É dolorosa a situação que pretendem casar e não têm para onde ir viver. Mais doloroso é ainda a situação das famílias que, por falta de espaço dormem juntos, em promiscuidade, como os ciganos. Tanto dinheiro gasto nos divertimentos que podia e devia aplicar-se na construção de habitações!

Teu J. Moreira

HUMORISMO

Advertência

O gerente chamou a secretária e disse-lhe:

— Senhora, peço-lhe que daqui em diante tenha mais cuidado com as cartas que me submete à minha assinatura.

— Porque me diz isso, senhor? — responde um pouco confusa a secretária.

— Porque... tornou o gerente — ontem fez-me assinar uma carta, dirigida a um cliente importante, que terminava dizendo:

«Tua até à morte».

O responsável

A delegada duma obra de regeneração, visita uma prisão e interroga um dos presos:

— Qual foi a causa que o trouxe aqui? meu amigo.

— A inexperiência da juventude! respondeu ele.

— Como?... Mas vós tendes mais de cinquenta anos!

— Eu falo do meu advogado. Suspirou ele.

Não sabia

O capitão era filho de um conhecido senador e nunca perdia a oportunidade de recordar tal facto aos seus subalternos. Uma vez repreendeu injustamente um pobre recruta e, a meio da repreensão, perguntou-lhe:

— Sabe quem é o meu pai?

— Eu não — respondeu o recruta — E o meu capitão? Também não?

Investigação Científica

para melhoramentos da semente

O melhoramento das sementes e cultivo de plantas com o fim de aperfeiçoar as variedades das colheitas está a cargo de Institutos Científicos independentes, mas que recebem auxílio monetário do Governo britânico. Em 1958, a despesa total dessas estações experimentais, subvencionadas parcialmente pelo Governo, elevaram-se a cerca de 350.000 £ das quais 210.000 foram fornecidas pelo Governo, sendo as restantes 140.000 das particularmente.

O Instituto de Cultivo de Plantas de Cambridge foi fundado em 1912 e é o primeiro Centro Experimental de cultivo de plantas com carácter oficial na Grã-Bretanha. A princípio os estudantes limitaram-se principalmente ao estudo do trigo mas foi daí que partiu o estudo científico do cultivo de plantas na Grã-Bretanha. Simultaneamente criaram-se novas variedades de trigo que se cultivaram extensivamente durante muitos anos em Inglaterra. Os resultados foram aplicadas também, mais tarde, à cevada e à aveia e o Instituto criou até agora 7 variedades novas de cevada, 5 de trigo, 2 de aveia e 2 de ervilhas. Algumas destas variedades têm valor comercial pois dão lugar a colheitas muito mais abundantes. Em 1959 introduziu-se também uma nova variedade de beterraba.

A Estação Experimental do País de Gales foi estabelecida em 1919 e tem-se especializado em pastos. A Estação Experimental escocesa foi inaugurada em 1920 e, de então para cá, tem organizado uma vastíssima colecção de variedades de sementes de aveia e batatas. Envia já há muitos anos amostras de batata de semente para vários países do mundo onde essas variedades são experimentadas.

Algumas dessas variedades que não se davam bem em clima escocês, desenvolvem-se magnificamente no Kénia e têm actualmente grande valor comercial.

Certificados

O sistema da classificação das sementes com cer-

tificado está-se desenvolvendo activamente nos países produtores de sementes com certificado está-se desenvolvendo activamente nos países produtores de sementes em todo o mundo. As autoridades britânicas que administram os planos de concessão de certificados são os 3 Departamentos Agrícolas, isto é o National Institute of Agricultural Botany e os dois National Certifying Authority for Herbage Seeds (um em Inglaterra e outro no País de Gales).

O plano internacional para a concessão de certificados respeitantes ao comércio internacional tem sido desenvolvido recentemente pela O. E. E. C. Estão em estudo os meios de transferir para países que não façam parte da O. E. E. C. os benefícios obtidos por esta organização. A Grã-Bretanha tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento do plano da O. E. E. C.

Estudo Experimental

O valor da semente pode ser avaliado por meio de métodos laboratoriais que têm sido aperfeiçoados na Grã-Bretanha e que não só fornecem informação acerca da pureza e potencial de germinação, mas também indicam o coeficiente de humidade e doenças existentes na semente.

Há 3 Estações oficiais de estudo experimental de sementes na Grã-Bretanha; uma dirigida pela N.I.A.B. de Inglaterra e País de Gales; as outras duas pertencem às Repartições Agríco-

las locais da Escócia e da Irlanda do Norte.

Os novos laboratórios do N. I. A. B. são os mais modernos do mundo e influem decisivamente na estandardização do estudo experimental de sementes na Grã-Bretanha. O Reino Unido toma parte activa nas actividades da Associação Internacional de Estudos Experimentais de Sementes cujo actual Presidente é o chefe da Estação da Irlanda do Norte.

Legislação

Existe uma Lei no Reino Unido que protege o comprador de sementes contra fraude ou negligência. Essa Lei foi promulgada em 1920 tendo tido ligeiras emendas em 1925 e 1954.

Podem vender-se sementes de qualquer origem ou qualidade contanto que certos factores essenciais sejam indicados ao comprador. Esta legislação tem muita importância como factor de educação técnica e o progresso na qualidade das sementes usadas na Grã-Bretanha, é em grande parte devido à Lei de 1920 e consequentes emendas.

Festas a Santo António

Adiamento do Sorteio

Avisam-se todos os «Amigos de Santo António» que a rifa que deveria realizar-se amanhã, Será adiada para dia a designar em virtude de ainda não termos recebido uma grande parte da sua distribuição.

Pede desculpa,

A Comissão

Concentração

Eu já tive em minh'alma, tumultuários,
Desejos em vulcão se atropelando...
Pouco a pouco, porém, os vou deixando,
Como a folhas de velhos calendários!...

Meus sonhos e desejos são calvários,
E se os sigo, infeliz, de quando em quando,
Vejo que as mãos e os pés me vão sangrando,
Sob os acumes deles, sanguinários...

Hoje eu busco, em desejo concentrado,
Não ter desejo algum que conseguisse
Trazer-me inútilmente torturado...

— O meu desejo, agora, noite e dia,
É o de amar, num delírio de meiguice,
Que de amor enlouqueça... por Maria!...

Novo processo para defumar peixe ou carne de porco

O Dr. D.L. Nicol do Laboratório de Humber, perto do principal porto de pesca da costa oriental de Inglaterra, Hull, inventou uma máquina que vem aperfeiçoar o tradicional processo de defumação. Há séculos que o fumo da combustão de serrim e aparas de madeira queimada na lareira dum forno tem servido para defumar peixe ou carne dependurada lá dentro. Acontece, porém, que os produtos defumados por este processo variam de gosto conforme a habilidade da pessoa que regula a entrada do ar, a intensidade da combustão, a duração da exposição aos fumos etc.

A máquina agora inventada é um gerador de fumo alimentado por um depósi-

to de serrim e que funciona automaticamente. É também mais económica pois só queima cerca de uma quarta parte do serrim queimado pelo processo antigo. Nesta máquina, o serrim é levado por uma corrente de ar aquecido por meio de electricidade, sendo a temperatura ajustada e controlada para que as partículas de serrim sejam queimadas sem produzir chama. Produz-se assim, grande quantidade de fumo seco com uma quantidade mínima de serrim que é peneirado e desidratado antes de entrar na máquina, a uma velocidade controlada. Consegue-se, desta forma, uma densidade constante de fumo que se reflecta no paladar uniformes dos produtos.

CAMÕES

Poeta Nacional da Glória Lusitana,
Que se entendeu no Mar, no Céu, na Terra,
Passando muito além da Terra Taprobana
Em legações da Paz ou retintins de Guerra,

Teu livro é o Panteão da Pátria Soberana,
E cada oitava é um nicho em que um herói se encerra,
E a métrica do verso — etérea filigrana,
De onde um sorriso belo a Glória nos descerra!...

Ninguém, melhor que tu, subindo ao Pritaneu,
Cantou numa Epopeia a Pátria em que nasceu,
Eternizando a Pátria, eternizando o Nome!...

Minha Pátria é Maria! — um dia o declarei... —
— Dá-me, excelso Camões, o teu verso de rei,
Para eu cantar da PÁTRIA o amor que me consome!...

FOTO MODELAR

reportagens de casamento
Baptisado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

fazer esta declaração, de que ele Juiz do Tombo mandou fazer este Auto, que assignou com eles... -- *Segue-se a sentença e o termo da sua publicação.* **AUTO DE RECONHECIMENTO** que fazem o Juiz do Subsino desta freguesia de Codeceda e mais Officiaes da Confraria do Subsino sobre a obrigação do Corpo da Igreja-Aos dezassete... vinhão citados Manoel Francisco do lugar da Villa desta dita freguesia e Juiz do Subsino dela e os eleitos da mesma... Francisco de Amorim do lugar de Cerdedo, e Manoel Soares do lugar de Villar para como officiaes do Subsino declararem quem venerava de todo o necessário o Corpo da igreja desde a capella-mor para baixo, e o uso e costume de dizimar e mais uzos; que os mandasse apreçoar... e aparecerão, e por elles foi dito que a obrigação de reparar, e fazer todo o necessário do arco da capella-mor para baixo era da freguesia e que o mais do arco para a capella-mor era do Padroeiro della, o Mosteiro de Rendufe, e que a forma dos mais uzos dos dizimos e primicias, e Sanjoaneiras erão na forma que o Reverendo Vigário os havia declarado em seu Reconhecimento retro, que aqui os haviam por expressos e declarados, como que deles aqui se fizesse especifica menção, que lhe foram lidos por mim Escrivão, de que dou fé; e que outro sim declaravão que na capella-mor tinha o Reverendo Padroeiro huma lampada que venerava de azeite enquanto duravão as missas conventuaes, e que o vaso do lavatório também era do Reverendo Padroeiro, e... uma cruz de latão antiga, de que de tudo ele Doutor Juiz mandou fazer este Auto, que assignou com elles... **CONCLUSOS** -- *Segue-se a sentença e o termo de publicação.*

AUTO DE LEMITTAÇÃO, CONFRONTAÇÃO, demarcação e atombação dos limites da freguesia de São Pedro de Codeceda-Aos dezoito dias do mez de Março... apareceu presente o Reverendo Padre Pregador Frei Manoel de Santa Gertrudes... que para esta audiencia trazia citados ao Reverendo Padre Mestre Doutor Frey Lourenço de São José Reitor do Collegio da Senhora da Graça do Populo da cidade de Braga, como Padroeiro da freguesia de Santa Eulalia de Godinhaços, o Reverendo João Gomes Rodrigues Abade de São Miguel de Ruivaens, o Reverendo Antonio José Leite Pereira Abade encomendado de Santa Eulalia de Baloens, o Reverendo Manoel Alvares abade de Santa Marinha de Penascaes, o Reverendo António José Gomes Duarte abade de São Miguel de Prado, para assistir à lemitação, demarcação e atombação dos limites da freguesia de São Pedro de Codeceda, de que he Padroeiro o Reverendo seo Constituinte, e seo Mosteiro, e para apresentarem os seus titulos, para à vista deles e do dito seo constituinte se lemitar... e para se louvarem sendo necessário, pela sua parte, pena de se proceder à sua revelia... e por aparecerem o Reverendo Vigário de Godinhaços como apresentado pelo Reverendo Reitor do Populo, e dizer que este lhe escrevera para que viesse assistir à dita lemitação, para no caso de haver duvida a vir presenciar, do que eu Escrivão dou fé de como passara na verdade o referido, e por aparecerem mais o Reverendo João Gomes Rodrigues abade de São Miguel de Boivaens, e o Reverendo António José Leite Pereira encomendado de Santa Eulalia de Baloens, e o Reverendo António José Alvares encomendado de Santa Marinha de Penascaes como Procurador do Reverendo Abade Manoel Alvares seo Tio, por este se achar gravemente no leito com enfermidade que lhe impedia o andar, e aquele com procuração do Procurador Geral da Mitra Primaz de Braga, o Desembargador Ignacio José Peixoto por despacho do Doutor Provizor da mesma cidade, e sua corte eclesiastica, por conta que lhe deo o mesmo Reverendo encomendado António José Leite Pereira, como se mostrava da dita conta e despachos e procuração, e outro sim appareceu mais o Reverendo António José Gomes Duarte abade de São Miguel de Prado, e por eles todos e cada um de per si foi dito que não tinham duvida em que se procedesse na dita lemitação... achando-se para isso cada um dos sobreditos confrontantes no seo respectivo limite, e confrontação, e de tudo mandou ele Doutor Juiz do Tombo fazer este Autho...

E logo no mesmo dia, mez e anno, procedendo ele Doutor Juiz à demarcação... mandou vir à sua presença para informadores dos sitios da sobredita confinação para os informar à vista do Tombo do Mosteiro, e dos titulos dos Confrontantes, Andre Gonçalves louvado deste Tombo, e Francisco João, e João Antunes Rocha, homens velhos e inteligentes, e que lhe informaram serem de sans consciencias, para à vista deles de baixo do juramento que lhes deferio, informarem os sitios da sobredita lemitação à dos que declara o Tombo do Mosteiro de que se trata... e principiando da Capella de São Miguel da Sedelle, ahi appareceu o Reverendo António José Gomes Duar-

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

1.ª Publicação



SECRETARIA JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Pela segunda secção da Secretaria Judicial da comarca de Vila Verde, nuns autos de liquidação em beneficio do ESTADO em que é, Requerente o Ministério Público e Requerida a Empresa das Águas Minero Mediciniais, S. A. R. L., com sede na freguesia de Caldelas — Julgado Municipal de Amares — desta comarca, correm editos com a dilação de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando quaisquer interessados incertos para, dentro de VINTE DIAS, que começam a contar-se depois de finda a dilação, deduzirem a sua habilitação nos termos do art.º 1132 do Código de Processo Civil, quanto aos dividendos prescritos da referida Empresa e referentes ao ano de mil novecentos e cinquenta e cinco, da importância de 607\$60, sob pena de tais dividendos serem considerados abandonados e reverterem a favor do ESTADO.

VILA VERDE, 8 de Março de 1961.

O Chefe da Secção,

(a) António Monteiro.

O Juiz de Direito,

(a) Manuel Augusto Gama Prazeres

Antónia Pusich

(Continuação da 1.ª página)

fácil tal tarefa, quando se trata de uma breve crónica e não de um romance ou de um filme — o romance ou o filme a que Antónia Pusich tem incontestável direito. A infância e a adolescência passou-as na estranha Ilha crioula que lhe foi berço e onde seu pai — neto do Príncipe de Ragusa, naturalizado português, almirante da Armada Real e familiar dos Paços de Queluz — realizava uma exemplar obra de administração ultramarina, cuidando ao mesmo tempo de promover a plantação do café, do algodão e do tabaco e de dar caça aos corsários, nos mares do arquipélago. Foi assim a sua vida, até que o casamento com o desembargador Viana Coelho, deputado às Cortes de 1820, a trouxe a Lisboa agitada e revoltada do Vintismo, onde teve, entre as melhores amigas, a própria Infanta D. Isabel Maria; viúva, casou com um dos ajudantes de D. Miguel I — Francisco Teixeira; foi testemunha e quase protagonista da guerra civil, finda a qual viu desmoronar-se o mundo feliz, herdado dos seus tempos de menina. De novo viúva, mãe de dois filhos, com o pai perseguido e ela própria politicamente suspeita, Antónia Pusich tomou uma resolução extraordinária para uma senhora do

seu tempo — escrever, para viver.

Anos melhores viriam mais tarde, depois do seu terceiro casamento com António de Melo, embora bem diferentes das tranquilas merendas no Paço de Queluz. Até ao fim da sua vida, porém, Antónia Pusich não interromperia o seu labor de intelectual activa, impondo-se no conceito da exigente sociedade literária dos reinados de D. Pedro V e de D. Luis — uma sociedade onde os valores mais altos se chamavam, por exemplo, Garrett, Castilho ou Herculano.

Envelhecera os seus poemas, incapazes de sobreviver à era romântica que os inspirou; esqueceram-se, há muitas décadas, as suas composições musicais, e os seus concertos de piano; ninguém queria agora levar à cena, como Garrett o fez o seu drama «Constança». Nos arquivos de quase todos os jornais da época — onde os houver — poder-se-á no entanto ler com frequência o seu nome e apreciar uma capacidade descritiva, uma sagacidade crítica e um vigor polemistico que podem servir de modelo às novas gerações, embora, sem dúvida, de modelo vestido com as últimas «saías de balão» ou com as primeiras «tournures». E é isto, precisamente, que confere um especial interesse à personalidade da autora dessa reportagem quase desconhecida que é «A Galeria dos Senhores Deputados»: — ao contrário da sua contemporânea Georges Sand, não precisou Antónia Pusich, para ser uma verdadeira intelectual, para ser mesmo a primeira jornalista portuguesa, de vestir calças, de escandalizar a sociedade, de renegar a família, de esquecer a sua nobilíssima condição de Mulher. Quanto mais não fosse, valeria a pena só por isso recordar o seu nome, apontar o seu exemplo, evocar a sua obra. E tomá-la como padrão nacional e estímulo necessário para o jornalismo feminino no nosso País.

SAGRADA FAMÍLIA

Quem não ama a Família?!... Quem não ama Uma benção de Pai que nos adora, Um sorriso de Mãe que por nós chama, Que chora ou ri se o filho ou ri ou chora?!...

Quem não ama a Família, a eterna chama Do verdadeiro amor que a Vida enflora, Que as venturas do Céu em nós derrama, Como derrama vida a luz da Aurora?!...

— Foi por isso que vindo à nossa terra O Verbo de Verdade — que não erra — Quis ter Família e tributar-lhe amor!...

José consagra, aqui, a Autoridade, Maria, a Glória da Maternidade: — Chama-lhe Mãe seu próprio Criador!...

Agência Funerária

MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em COUCIEIRO—VILA VERDE

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura

Mais de dois Séculos

antes de Krushev, o Czar Pedro, o Grande, Visitou a França

Quando os embaixadores franceses anunciaram, em 1716, a próxima visita do Czar Pedro, o Grande, houve sobrecegos franzidos em Versalhes. Ele era ali conhecido, pois que por lá passara, quando mais jovem. E Versalhes suspeitou logo de que a visita não decorreria sem inconvenientes e sem grandes gastos. Ora as finanças já estavam sobrecarregadas. Mas o Czar era poderoso e a aliança com a Rússia apreciável. Como recusar, então?

Pedro, o Grande, chegou à Holanda por mar. Aí deixou a esposa, Catarina, filha de um humilde sacerdote e que o soberano julgou muito pouco representativa para a Corte de Versalhes. Da Holanda tomou depois o rumo de Paris, por Antuérpia, Bruchelas e Mons. Imediatamente, começaram as dificuldades.

A primeira personalidade oficial que o Czar encontrou foi o Ministro das... Finanças. Libois. Este viera inquirir delicadamente das despesas de manutenção que a permanência do Czar e da sua comitiva de sessenta pessoas implicaria, pois que a visita seria prolongada — pelo menos dois meses, se não mais. Usava-se então, em Moscovo e noutras cidades, oferecer 1.500 libras por dia ao visitante ilustre. Libois fez a mesma oferta, mas o Czar não a achou do seu agrado e tanto fez ou tão mal que, por fim, Libois prometeu-lhe cobrir todas as suas despesas, quaisquer que fossem.

O Czar principiou logo por exigir transportes rápidos. Queria chegar ir da fronteira

a Paris em quatro dias, sem perder as recepções que em sua honra se realizassem por onde passasse. Finalmente, numa reviravolta de espirito, instalou-se num «char-à-bancs» de aspecto duvidoso e desse modo se dirigiu a caminho da capital francesa. Em Amiens, o Bispo e as autoridades da cidade aguardavam-no. Logo que Pedro, o Grande, os viu, mudou de caminho, voltando as costas ao «maire» e ao prelado. Depois, em Beauvais, recusa-se a permanecer no palácio que lhe havia sido destinado e vai jantar numa estalagem de terceira classe, quando na Câmara Municipal o aguardavam com um banquete e uma orquestra.

Demais a mais, o Czar era extremamente glutão. Consumia quantidades astronómicas de comida e bebia como um forçado. Em Bruxelas ofereceram-lhe cerveja excelente. Ele cuspiu-a — e exigiu álcool. Levantava-se às quatro da manhã, tomava, um pequeno almoço substancial, às oito horas comia de novo, almoçava com enorme apetite cerca das dez, às duas horas da tarde serviam-lhe outra refeição, mais uma às dezasseite e às vinte outra, horas antes de se deitar. Mas entre as refeições comia e bebia incessantemente. Tinha um cozinheiro particular, que constantemente lhe levava pratos preparados em sua intenção.

Pedro, o Grande, chegou por fim a Paris. Desde o princípio, recusou-se a ocupar os alojamentos que lhe eram destinados e apresentou-se num hotel, onde se instalou

no vestiário. Dali não saíu durante quatro dias e negou-se a ir visitar o Rei Luís XV, alegando que o soberano francês é que devia ir primeiro apresentar-lhe cumprimentos. Luís XV era, então, uma criança ainda. Instado pelos Ministros, dirigiu-se ao hotel em que se instalara Pedro, o Grande. Assistiu-se então a este espectáculo pasmoso: o Czar tomou o Rei da França nos braços, ergue-o, levou-o para o seu quarto e sentou-o nos joelhos. Os dignitários franceses ficaram sem respiração.

Pedro, o Grande, continuou com as suas extravagâncias durante mais de dois meses. E por mais de dois meses Libois teve que pagar e Versalhes que sofrer toda a espécie de afrontas. Quando o Czar deixou finalmente a França, houve um profundo suspiro de alívio. Já não era sem tempo. Esperemos, no entanto, que o seu longínquo sucessor, Krushev, se mostre agora um pouco mais sociável... embora decerto vá dar mostras de ser tão impertinente como o impulsivo Czar.

UM COMBOIO QUE CHEGA...

Continuação da 1.ª página

os homens que vendem jornais, lotarias, revistas e até um céguinho que trás uma guitarra a tiracolo, percorre todas as carruagens a dedilhar o instrumento e a entoar canções fadistas, para recolher depois o óbulo retributivo. É uma espécie de artista ambulante, que vive dum público accidental e mais ambulante ainda.

Entretanto começam a surgir as primeiras estações ferroviárias do arrabalde portuense: Ermezinde, Contumil, Rio Tinto, Campanhã, após o que o comboio, mergulhando a sua coleante composição no longo e escuro túnel, desaparece temporariamente da face da terra, qual saurio gigantesco ao penetrar num covil subterrâneo e sombrio.

E a senhora gaiteira, com ademanes de garota saracoteante e vaidosa, sacode a roda do seu vestido, que se enrugou pela demorada, posição em que esteve sentada no banco da carruagem. Num último dos seus gracejos, dum humorismo por vezes histriónico, levanta-se e dirige-se para uma das plantas formas da carruagem, para

em breve se embrenhar no «bruáá» da cidade que, a essa hora, já está transformada num formigueiro humano. O frade de barba negra, fecha suavemente, meditativamente, o seu breviário, para enfrentar a turba-multa dos seres onde o seu hábito de monge não será mais que um ponto castanho escuro, com a corda e o rosário pendentes, a contrastar com a indumentária que o rodeia. E a mulherzinha de chale e lenço, guardou já o «crochet» numa saqueta, pois alguém a espera, ansiosa e feliz, no empedrado da gare; o ardina, sobraçando os jornais e as revistas e o céguinho com a guitarra a tiracolo, vão pôr os pés em terra, mas por curtos momentos, para depois prosseguirem noutras viagens ferroviárias, na sua quotidiana luta pela vida, luta tão intensa e acesa como o resfolegar da locomotiva que arrasta os comboios onde os mesmos «vivem» em constante peregrinar, para ganharem o pão-nosso de cada dia.

A composição ferroviária chega finalmente ao seu destino Silva e queda-se pachorentamente na gare, como uma fera arfando de cansaço após fatigante correria.

Mais um comboio que chega. E, na gare, uns que esperam aqueles que vêm e outros que se despedem de outros que vão. Mas a locomotiva, na sua insensibilidade metálica, não pode compreender nem sentir os dramas ou as alegrias que por vezes provoca no espírito daqueles seres humanos que arrasta, pela força bruta do seu vapor e na lenga-lenga do seu «pouca-terra, pouca-terra...»

A. Gomes da Costa

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

XIII

*Hermosissima fue Sylva, y tan bella
Como fue desdichada, sin ventura,
Y fue de Francelizo hija, y della,
Arminda raro exemplo de hermosura.
Mas el Tiempo, y la muerte que atropella
La fé, firmeza, Amor y más cordura,
Francelizo de Silva ya olvidado
De otro Himeneo gozó con menor hado.*

XIV

*Alfin madrasta a Arminda fue que en todo
Le persigue y la muerte le procura,
Mas quando con veneno busca el modo
Arminda ya lo alcançada por ventura;
A la madre de Sylvia a dezir tudo
Embia parte que con su cordura,
Y com Abuela suya busque el medio
De llevar la a su casa, por remedio.*

XV

*En ella la dexemos por un rato
Donde el pie de um Castillo Letiz bñana,
Y de Almeno cantemos vida, y trato,
Si tan alto mi lyra me acompaña;
Que apezar del Olvido tiempo ingrato*

*Han de escuchar mais versos donde España
En lo más dilatado de la Tierra,
El monte, el valle en ocio, en paz y en guerra.*

XVI

*Fue de Didaco hijo celebrado
Por esfuerço, vallor, sangre y nobleza
Aquel que con Elisa fue casado
Diez hijos pro enò de gentileza
Y cada qual de partes tan dotado
Que nó pudo dar más naturaleza,
Y se tanto te diera la Fortuna
Para dar, nó quedara com ninguna.*

XVII

*A la caça sahio Almeno un dia
A matar javalies con intento
Y nun bello alazan que parecia
Rayos en las clinas, y en los pies el viento
Quando a la noche y a la alba su porfia
Crepusculo termina, que violento
Con vermejos cavalos sale el coche
Y viendo a los del Sol, siguen la noche.*

XVIII

*El retrocido cuerno atruena el Valle
Cuyos ecos repite la Montaña;
Aullidos dá el lebrél, que de escachalle
Tiembra el pobre pastor en su cabana;
El cavallo relincha, no ay paralle
A el qual la blanca espuma el freno bñana;
Salle el javali cuyos ferozes
Colmilhos por la mata son dos ozes.*

(CONTINUA)